





# OS COMEÇOS DA AMÉRICA - Pandiá Calógeras

Estimamente leitor é o parecer de que a indústria americana é considerada um campeão, e de que a searação natural, por razão de seus perigosos perigos, um, pelo menos, a crescer sobre si. Mas, é que se haja perigo. Pequenos indústria e separação que

De fato, certos indústria e tendências parecem a inserir. Correspondem as diferenças entre essa propriedade remédio no resultado da guerra. Esse, tanto quanto o isolamento dos primitivos humanos, o motivo que explica o individualismo de certos povos, o espírito local, facetas limitadas ao círculo dos indíviduos individuais e determinadas, necessidades. Mais tarde, o ponto de vista já elevado acima da visão do grupo imediato, abriga-se o horizonte abrange a estreita inferior, a raiz. Mais, a unidade inferior sobre, e o conceito mais profundo a estreita o círculo da circunferência in-

As lutas entre essas duas esferas de espírito, correntes políticas, o interesse geral, quando maior, e o interesse particular, explicam as mudanças e tentativas emancipadoras. Seja pelo privado, mais ou menos permanente, ou pelo edo de um fenômeno novo: o poder centralizado, por subordinado, ou extintos divergentes.

A separação política encerra a integração, essa integração em uma forma nova — a federal de latitude variável conforme o grau e a das lutas em preverem, desde a simples de limitados encargos às comuras, como é que, de vez que imperceptível, fazem unidas grandes "communautés", que a Inglaterra, oportunamente, afim de tirar o de seu domínio colonial.

De fato, do século XVIII, na América intreia a seu instinto a força cívica, tendendo a maior ecológica e colonos. Oferece, entretanto, duas modalidades em suas manifestações: uma agravada já maior, que nenhuma de se rege por si, e foi o caso dos Estados: ou era uma cada extensa territorializada pelo possuidor ultramarino, sem de destruir-se, e na qual sofrer o desrespeito de suas mais justas aspirações e de progresso faziam romper laços de dependência; e esse foi o caso da Sul-América, em quantitativas virtudes. Nesse sentido, realizou um deserto a nível da independência do Continente colonizado por povos da Península, necessidade do imóveis que deram sua tradição dos Enciclopédistas e o exemplo americano.

Porém, cessam as similitudes. Desaparece

o esforço comum e comum as desordens. E não é que é que é provável, evidentemente, as desordens.

Quais que de talas os pontos do horizonte surjam novas as desordens: riquezas, mudos de conquistas, prima propria dos colonos, mentalidade diversa das suas, certas relações entre metrópoles e seus dominios de domínio. Tampouco é desejável para compreender, intrinsecamente, cada um das grandes movimentações separatistas que de 1808 a 1824 criaram as unidades políticas em que, com pequenas alterações, se subdivide a América Latina de hoje.

A estruturação critica que se elaborou no Sul das Pérolas, sob o influjo do elemento autônomo e das dissípulas, rápidas trazidas pelas invasões invasões, árabes, gregas, romanas e outras, não permitiu se formasse um tipo Iberia que, antes, favorece a particularização regional, que ainda hoje predomina na Espanha.

Foi bastante forte, a Oeste, para permitir a separação definitiva de Portugal, desde o século XI, unidas, mais abrangendo, na tenta, mas incerto, obra política de aniquilação que culminou, quatro séculos depois, na expulsão de Castela e de Aragão sob uma coroa unica, e na expulsão do Moçambique a África africana. Politicamente, uma, embora ceticamente retalhada, Espanha em breve se reuniu também em seu mosaico público, decisamente esculpida a ferro e fogo pelas lutas em que partiu formar-se, e se ficou vencedora a unidade religiosa do país.

Quando, pelo desenrolar dos acontecimentos, França, Bélgica, Império Germanico e parte da Itália fizeram de obterem a rei da Espanha, e se desencontraram a tempestade da Reforma, se encontra esse subversão como composta da extorção, nem o fato de passar domínio onde o sol nascia se desfaria, como a própria universalidade imanente ao Catolicismo, obrigaria o Defensor da Fé a passar seis anos no mesmo solho, somente a Casa d'Austria, dentro, em breve, traduziu seu domínio no琪uelas A. E. I. O. U. Austrásia estendeu-se pelo universo.

Porém, magnitude tanta, apontada figura italiana de Portugal. Injustamente menor; politicamente restrita; restringe-se, sem gêneros, a pequenos rendimentos das mitas do litoral Pacífico e das do Golfo do México; obvio que sua ação, nata a castelhana, se tornaria meus energias, menos capaz de se fazer sentir em largo âmbito. E, principalmente, o prestígio italiano, tão ministrado em confronto com o da coroa dos Filipinas, permitiria nas colônias respectiva, autoridade tão completa, centralização igual a que Moçambique exerce sobre suas possessões mais afastadas.

## Correspondência de escritores

### CARTA DE CALÓGERAS A ANTONIO GONTIJO DE CARVALHO

Petrópolis, 2-5-1932.

Antônio,

Na o, deixa dura de ontem e deixa a rei meu Relatório Rodrigues Alves, coisa que fizera de 1918. Convençam que que condicionei em o Conselheiro era o Presidente da República, e meu deputado um serviço de justiça e de amizade; como que a obediência? Falei pelo maior lealdade e franqueza podia, explicitamente, falar de elogio, pois o pericula massiva foi dos mais fracos. Brasil tinha confundido. A eram as qualidades morais, e particulares, dele, naturalmente para o governo de Estado o, maximamente, em difícil tempo foi o deu ameaçado pela Guerra. Antônio o Wenceslau era tímido, e desmedido. Temia as críticas e acusava tudo para as evitáveis tolerar as sugestões da imprensa e lhes chedecer, não sofrer censura, ainda fossem de interesses contrários. Além disso, tendo feito crise em Minas, e, quando o Presidente, quase sempre em Minas, para falar a co-responsabilidade dos erros do período Hermes, não conhecia os problemas federais, nem os homens com sua elaboração iria contar. De todo isso, não um perdido presidente ficou em que, para criticar erros e dificuldades mais sérias que de serviço público, caras e marfim entre os sabor da crise e das CHANTAGES de despedidas.

Próximamente inatacável e dig-

na, foi um fraco, um possuidor, e dar os males de seu governo, e que se teriam reduzido pouco mais que suas qualidades-máias de bondade, de capacidade, de paciência e de sofrer, lhe permitiu, assim, no sentido do bem público.

Um bem, mas um fraco e um possuidor.

Ora, falando a quem iria governar o país, pediu eu ouvir fatias, gravíssimas algumas? Daí, para quem não conhece os fatos, poder parecer meu Relatório uma critica contínua ao quadriénio 1914-1918, quando, entretanto, é a única análise de um período governo central, no qual os erros foram, inferiores as tarefas que lhes haviam sido cometidas pelos fatos. Até hoje penso como escrevi em 1908, salvo em pontos de detalhe. Mas a realidade é que minhas apreciações feriram a muita gente, da qual muitas não existem, ainda, se a instância desses inconvenientes possais, se pudesse obter a correção dos males apontados, seria o caso de dar talas incomodos por bem pagos pela melhoria dos processos criticados. Mas tal não se dá. Alguns dos censurados ainda pontificam hoje: muitos dos defeitos citados já produziram suas consequências; estou, em parte, mesmo, receberam sua correção. A

veja se ele obtém do Nhonhô Rodrigues Alves que lhe passe o volume. São mais de 200 páginas datilografadas, bastante árduas e massivas. Mestre-lhe a presente carta também, para que ele veja como penso no caso. Sinto que percorrer essas páginas pode trazer certa utilidade. Mas compensaria o escândalo correto? Leia, porá o trabalho e fique —

Abraces fortes a Clara e a V.

O ambo velho  
Calógeras

as rumos errados que se trilharam.

Uma lição, então, se colherá a necessidade de, para os cargos de responsabilidade, escolher competências, caracteres, convicções, homens de energia, de autoridade moral, coniudadores dos problemas, colaboradores capazes de os resolver, obedientes à regra inviolável de somente atender ao interesse público, e nunca às traições, pessoas. Pois essa é a grande experiência negativa que constitui o quadriénio Wenceslau, com um grande passivo de erros e sua inigualável bagagem de acertos.

Em todo caso, convém V. ler o Relatório. Converse com o Oscar, e veja se ele obtém do Nhonhô Rodrigues Alves que lhe passe o volume. São mais de 200 páginas datilografadas, bastante árduas e massivas. Mestre-lhe a presente carta também, para que ele veja como penso no caso. Sinto que percorrer essas páginas pode trazer certa utilidade. Mas compensaria o escândalo correto? Leia, porá o trabalho e fique —

Carta enviada para  
Oscar Pinto

Calógeras

Brasília

—

Brasília

## As minas do Brasil e sua legislação

Esta é dedicada à segunda parte de *As Minas do Brasil e sua legislação*, de Dr. C. G. L. G. Este livro, trazido do ferro, do manganês, do cobre, dos combustíveis, as substâncias diversas entre as quais figuram o chumbo em seus metais coadjuvantes por indústria, o sal e o salitre, e, finalmente, dos materiais para a indústria e construções. As conclusões, geradas do longo e laborioso estudo, são de larga e permanente natureza. Um apêndice da importância de origem antártica no Brasil durante o ano de 1902, a soma total em doze meses para o estrangeiro, foi de \$6.614.652.000.

Neste volume é seguido o mesmo método do que o precedeu: primeiramente as histórias, depois informações geológicas, finalmente dados técnicos, estatísticas e bibliografia.

A história do ferro é narrada descrevendo-a, contendo muitas notícias meditas ou seriamente desmentidas. O autor val sempre as fontes e suas questões controversas nunca se nega a dar seu parecer fundamentado. Assim, no debate entre Felício dos Santos e Varnhagen sobre a prioridade de Câmara ou Varnhagen, quanto à produção do metal, segundo os processos modernos, feita de uma vez provado que o beneficiário auror do Distrito Diamantense devia-se enganar pelo Intendente dos diamantes, cujo talento incontestável dispensava-se em planos grandiosos sem jamais chegar a realizá-los cabalmente um só.

A curiosa história do Salitre é contada com bastante minuciosidade, mas poderia ser mais desenvolvida, se valesse a pena.

Documento publicado recentemente em Coimbra fixa o descobrimento deste sal sobre que tantos mistérios se fundaram no governo de Luiz de Brito (1578-1581).

A história da prata, que constitui um dos três ricos da mineração nacional, foi popularizada pelo romance de José de Alencar. Aqui não se trazia tanto de colher fatos novos como de aplicar a gênese às versões combinadas. Confundiram-se entre si D. Francisco de Souza, governador geral no Século XVI e governador do Sul no Século XVII, seu primo Luiz de Souza, governador geral em 1621 e seu filho Luiz de Souza, governador de São Paulo, mais tarde estabelecido em Pernambuco, tanto que, a confusão dos dois últimos, não escaparam Varnhagen, nem Pereira de Costa. Confundiram-se Gabriel Soares, Melchior Dias, Roberto Dias e seu neto. Daí uma erreca, agora pela primeira vez desfeita, fixando a cronologia, mostrando o papel representado pelos diferentes personagens, traçar a documentação recentemente divulgada em ainda inéditos.

Desse três minerais que tanto deram que fazer, a prata, por assim dizer, não existe; o salitre poderá, quando muito, prestar-se à extração limitada em Pernambuco; só o ferro existe em grandes proporções e poderá auxiliar em nossa economia. Como simples minério, pensa o autor que poderia conectar a exportar-se desde já para a Inglaterra e para a Bélgica, principalmente para aquela, estabelecendo navios apropriados a seu transporte e ao de carvão de pedra, que receberiam em permuta.

Dentre os minerais que não tem história, mas importante é o manganês, a exportação de pouco mais de mil e quinhentas toneladas em 1894 já era de mais de duzentas mil, dez anos mais tarde, e, fulta o autor, atendendo à possibilidade das azáfias e à excelência dos minérios, que muito mais poderia crescer, se contas estatísticas não forem mobilizadas em tarifas ferroviárias. Com o manganês contrasta bem o cobre, anunciamos desde os livros de Gandavo, Gabriel Soares e Frei Vicente do Salvador. Arreias um

# A INDEPENDÊNCIA

As tentativas efetuadas de 1780 a 1810, durante as reuniões a Metrópole. O próprio malogro de Francisco Miranda, posto de lado o que na expedição de 1808 em Venezuela havia de auxílio inglês, como episódio que também tal, por este lado, da luta europeia entre Londres e Madrid, prova quão exato e o assertivo.

E mais se acentua o traço nas províncias menores do que naquelas mais propriamente agropecuárias, como Chile e Buenos Aires. Nestas o esforço local atraía-se preferencialmente à lavra, e sofria talvez menos estrito das autoridades ultramarinas.

Apesar de tudo, abuso da superfície aparentemente inóvel, meio e afastamento da Europa exerciam seu influxo. Em certas dessas tenazas contra as invasões de filibusteros, no Pacífico, já se nota uma como que alma nacional. Acima de tudo, a repulsa final do ataque de Popham contra Buenos Aires em 1808 sob o mando quase exclusivo do elemento colonial e o reclusamento de Whitehorse, pouco depois, são a afirmação soberana do novo e forte luar que prendia ao solo do pampa os imigrados e seus descendentes.

A mais nítida e completa tradução histórica e geográfica dessas analogias e desses contrastes, ostenta a linha lindre das duas raças.

Por mais lata a interpretação dada no meridiano demarcador dos domínios das duas coroas pela bula de Alexandre VI e pelo tratado de Tordesilhas (1493), a fronteira na Sul-America seguiria de Norte a Sul a pouca distância, para Este, da foz do Amazonas.

A ação espanhola, a fixação do elemento humano na zona do planalto andino na região alto-peruana, havia permitido, em menos de dois séculos, que a iniciativa energética cheia de laços audazes, dos lusitanos no Brasil recuasse o limite de 25 graus para Oeste, quadruplicando a área primitivamente fixada pelo direito convencional a favor do trono de Aviz.

E esta fora a conquista genuína e exclusivamente brasileira, gloriosamente levada a cabo pelos paulistas bandeirantes e pelos devassadores da jalá.

A mina, condensadora de homens, na América espanhola por só permitir levar pôr em mesma jazida, torna ao contrário, causa da irradiação no domínio fronteiriço, pois rapidamente exgotados depósitos e corredas, se impenham novas descobertas em zonas de ova para daí mais altas. O avasalamento ao solo pelo ser humano a dentro fixando no chão abundantemente regado de sangue dos conquistadores, e mais ainda dos indios vencidos, o limite entre as duas nações colonizadoras do Novo Continente.

Fato curioso, mas lógico, onde a expansão partida do Altântico menos se lhe sente, fôr na zona do sul, onde a súbita controvérsia da Colônia do Sacramento refletiu o conflito entre dois movimentos a mercâncias, antropogeograficamente falando: a difusão para Sul das bandeiras paulistas, a ampliação para Norte do centro que, em breve, se constitui na foz do Prata.

Em conjunto a iniciativa brasileira modificaria em favor dos luso a antiga partilha continental. Foi esta de cerca de 2 milhões de quilômetros quadrados para Portugal, e de 16 milhões para Espanha, em fins do século XV. Passaria a 8.12 para o primeiro e a 2 milhões para o segundo, trinta e cinco anos depois. Que mais bela alternativa de vitalidade dos povoados no litorâneo do Atlântico!

E como se compreende que um povo capaz de semelhante esforço se sentisse dominado e engolido pelo para sujeitar-se a compreensão de uma metrópole, que, sem compreensão, lhe suspira o fruto do trabalho, possuindo população menor do que a da colônia, área territorial minúscula e estado social de nível inferior comparável ao da província americanas...

E natural pensar ainda, que o simples evoluir dos germes existentes de desintegração bastaria para, cedo ou tarde, por zonas talvez, levar as colônias a se separarem das metrópoles. Talvez fosse o Brasil o primeiro, a breve prazo acompanhado das províncias espanholas de labor preponderantemente agrícola. Buenos Aires e Chile, onde a extração do cobre não tinha a importância que hoje tem, vindo em último lugar as regiões minerais. Observe tal seqüência no desenvolvimento do espírito nacional em cada uma das circunscrições mencionadas.

O inverso aconteceu, sob o influxo de um choque vindo da Europa. E ali, se mistre novas de novas provas de como não há fatos isolados nem história particular, mas que tudo se prende e se existem manifestações ou repercuções locais da história geral do mundo; ai, repetimos, encontrarmos mais um exemplo a ilustrar a teoria da interdependência dos fatos humanos.

Poi a questão do Oriente, pena ante os povos europeus de a invasão dos Turcos e dos Cimbros, mais recentemente de se o aparecimento dos Turcos no Bósforo; foi a partilha do Império Otomano, que planejada em 1807, em Tilsit, entre Napoleão e Alexandre da Rússia, o ponto de partida do abalo profundo, enxas oadas atravessando o Oceano, vieram solapar e derruir os Américas o poderio peninsular.

Nas marcas do Níger, logo se o primeiro lance da partida de que resolviu a independência.

O nexo que prende toda a diplomacia napoleônica é o grande sonho da conquista do Oriente, a reconstituição de um Mediterrâneo latino, queia nova cruzada, sem intulhos religiosos, entretanto, para a Ásia afora. O sonho impera que desde os primórdios dos anais humanos periodicamente povos círculos privilegiados e sacados o mundo em convulsões de dôr nas tratativas, impossível de vingar, de sua realização prática. Da expedição do Egito à campanha da Rússia invariavel permanece esse mero alusivo de que nos forneceram testemunho todos os documentos da época, a começar das próprias confissões do imperador francês.

Em 1807, vencida a Áustria e aniquilada a Prússia dominante, a Itália, com quarentões na Dalmácia e em Corfú, o único objetivo continental a conquista da Turquia, primeiro passo do plano gigante, era a Rússia. Após Eylau e Friedland, o Czar, derrotado, decidiu-se a negociar. Em Tilsit, a sós, delimitaram os dois despotas o plano de ação comum.

Ficou decidida a partilha otomana, sem fixação de detalhes, entrando, pois o trecho essencial do território, os Estreitos, era igualmente e com tenacidade inflexível cubiço por ambos.

Nunca estivera Napoleão tão próximo de realizar seu anelio. Para executá-lo, com uma linha de comunicações com a África, estendendo pelas vales do Pô e do Adige, pela costa do norte e pelas ilhas Jónias, indispensável era prevenir a invasão e possivel ameaça de posições tianguedras drassas no seu paraíso, via que ligava a França seus exercitos. A Áustria, que era de tener. Mas a Etrúria, entregue aos Bourbons, não ia causar receios com sua situação marginal.

Por outro lado, acanhada dos muros, a Inglaterra, com sua vida vital, para o éxito do plano napoleônico, não possuia essa cetera adversária, ponto de apoio em terras do Mediterrâneo, em que pudesse basear a ação de tropas de desbarque ou centralizar a atividade de suas esquadras, perturbando as comunicações contra a Pórtua.

Oras, em vésperas de Jena, no ano anterior, a Espanha, apesar do validismo repugnante de Carlos IV, deu motivos de sua desassossego, e o Imperador não podia consentir em ver-se as planícies atraçadas por uma península ibérica subordinada a Wellesley, que por ato do Governo de Madrid, quer se pôr a alvir de Lisboa, aliada secular da Grã Bretanha.

Para obviar a tal perigo, os absolutistas, na entidade de 1807, deliberaram secretamente eliminar os Bourbons da Europa e da Espanha, domínio este a José Bonaparte. Como compensação ao Rei da Etrúria, se lhe entregaria parte da Portugal e da Norte; o território restante seria dividido em duas porções: das quais a central, o Tejo e Lisboa, ficaria em poder dos franceses, como forteza avançada contra a Inglaterra no Atlântico; a meridional se marria a Gódey, Príncipe da Paz, em zona de sua compaciência criminoso em servir Napoleão tanto no sul da Espanha e a rainha Carolina. A Carlos IV cederia o título imperial, logo após a vitória sobre a Inglaterra, uma vez restituída a colónias, por todo país arrancadas.

Para sujar este tal combinação, era imprescindível se mantivesse absolutamente secreta e fosse executada com a maior rapidez. Por tais motivos, não foi comunicada nem ao Rei de Espanha, José. Nem sequer os ministros dos dois países, a confidiram a confidiram, e o tratado, como naquele dia de 1807, melhore apenas a intenção a ser feita ao rei português D. João de Portugal, para que honrasse de fechar os portos de suas ilhas das Indias e de confiar as propriedades destes em suas hastinhas.

Carlos IV, sabedor do intento de paulbar o reino, apesar de prontamente aquecê-lo em auxiliar a Espanha, permitiu a passagem de tropas por território espanhol, mas preventivo que abrisse as portas à invasão que o aparia do próprio reino.

A situação era mais favorável nos portugueses do que nos vizinhos. Parecia inconcebível de planos mais altos. Certeza, entretanto, não havia de fôr de que o Príncipe da Paz, pertinente ao rei de Portugal, não só era favorável nos portugueses, mas também a ele, e que o rei de Portugal, com a sua maré da Rússia, nenhuma ilusão alimentava quanto ao resultado caso este se travasse.

A intenção de cêpção das fates permitiu a D. João II aidade de resolver adiante garantida de sua demissão, mas, enquanto Carlos IV e seu filho Fernando caminhavam a Lyon e a Bône.

Ao passo que pai e filho mostravam que, nas alturas, não eram as nobres e cavalaria presas virtudes de estêncio, este, em revistas surpreendidas, animadas em breves Juntas de Cadiz, reabilitava a tradição viril da nação, e invadia a pelejar, mas, após a proclamação do rei José, no dia 18 de agosto de 1808, que a de Cadiz e do rei fôr da Junta na ilha de São Miguel.

Em Portugal, outra se revelava a fôrma do caso político. O costume apresaria-se a corte barroquinha qual futila e estéril ante as forças de Junot. Quer-se interpretar como é que o cavarde um dia, inimigo ao contrário longa e maduro, depondendo, após deliberações em que se fizera ouvir os velhos e mais autorizados do Reino, e perante solução aparente, a fôrta Inglaterra, surta no Tejo uma esquadra sua, que descolou a frota portuguesa até o Brasil.

Resolvido pelas mais altas e seguras reflexões políticas, trou o alívio todos os efeitos colimados. Que melhor justificativa de orientação seguida?

Em fins de 1807 e no decurso do ano seguinte, surgiram, os fatores novos e gravíssimos na evolução das colônias americanas. No Brasil, a latente expansão separatista da fôrça a dirigir, o próprio impulso impresso pela transferência da sede da monarquia na capital colonial, no Rio de Janeiro, o pôpulo progressista e coordenador, a um tempo, como na Europa, entre as várias capitâncias.

Nas terras espanholas, desde logo divulgadas do Pô, intruso de José Bonaparte, a função automaticamente regularidade administrativa, uma disposição imperativa da fôrça. Partidas em caso de vacâncie do governo metropolitano, necessária a vassalagem e estabelece-se a autonomia governamental das Colônias. Assim se deu. Era o inicio da parceria com o conciente. Tanto que, no movimento generalizado que deu a Espanha e Buenos Aires, em 1808, explodiu como protesto contra a usurpação bonapartista, em todas as Juntas formadas era chamado o dever de respeitar os direitos do legítimo soberano espanhol, já então D. Fernando VII.

Inda assim era a separação da metrópole, e tra o rompimento dos laços que faziam de toda a América uma colônia unida. Cada Vice-Reino, assim tornado autônomo, nascia se subordinaria a preeminência de um qualquer de entre elas. Dessa forma formaram-se os grupos de Nova Granada, do México, do Pô e do Rio da Prata.

Certas questões essenciais existem, mas qual a vitória que a Itália, só possível, abolido toda e qualquer tentativa colonial, eliminada qualquer semente de ânimo transversal. Trançar é ceder, e a primeira concessão faz ruir o edifício assim predeverá suas consequências. Certos concertos políticos, que não um dogma, são um como que rivelos de abelha. São se negocia com o dogma. Não se mitiga o absoluto. A Itália deve formar bloco, integra, una, sem frusta pela qual se filtre elemento dissidente. Bem se comprehende a Itália, que se firmou contra a Reforma a curta de Decisões Tridentinas e contra o modernismo as recentes encíclicas de Leão XIII, sobretudo, de Pio X.

Mal se pode combater o que já uma vez se consentiu. Tudo o que se negocia com a opinião clarividente do ministro Aranda, havia reconhecido nos Estados Unidos, para tanto assim, por política anti-britânica, o princípio da embaixada

## - II -- O movimento libertador na América do Sul — Pandia Calógeras

ção colonial, tão perigosa para povo senhor de domínios dessa natureza.

A situação da metrópole, com tal precedente, e aplicada à conceito à Junta de Cádiz, que, desde logo, quis regrer as possessões americanas, não era fácil, muito mais ante um movimento legal que, proclamando apenas a autonomia e a equiparação dos Vice-Reinos às demais províncias do Reino, ainda não chegava à rutura completa e, antes, a repelia.

Mas o próprio desse processo desintegrador e proliferar, creve, subdividiam-se as unidades autônomas. A Capitania-Geral do Chile não julgava possível ser defendida o P.º, ou quando subordinada, e erigiu-se independente, sempre respeitando os direitos soberanos de D. Fernando, em Montevideu. Artistas insurgiram contra o domínio burocratizante. Outras províncias inferiores do mesmo Vice-Reino estavam igualmente perturbadas.

Poderoso fomento libertador encontrava-se no comércio inglês, recentemente estabelecido em terras americanas. O seu domínio espanhol era o monopólio. Voltar a ele formar armaria os mesmos interesses britânicos, armados sobra a autonomia e colônias, pola estas, imediatamente após 1809, tinham cassado o veto metropolitano quanto ao intercâmbio com países vizinhos. Tal auxílio era fortíssima e acompanhava sempre as novas nações; tanto que foi o principal propagador do reconhecimento da Independência, em Londres, junto ao Parlamento, e ao Governo, assassinado o gabinete e as Câmaras por militares e representantes das cidades manufatureiras e dos negócios comerciais ingleses, com o fito de promoverem a apreensão oficial à nova ordem estabelecida.

Nada mais delicado e instável do que a situação das terras da Ipanema. Não era a separação, mas equivalia a independência de fato, embora inconsciente, sob o nome de autonomia dessa metade, por tantos séculos imóvel, agoraposta a rolar, expondo pressão estranhos e formidáveis impulsos aceleradores, talvez os ingleses. Era o desmembramento de novos pontos de vista, então vedados pela compressão exercida pela mãe patria, em comparação com os países onde nem caídas, nem privações, nem extorsões tributárias existiam. Mais grave entre todos era o desespero de rudes instintos, até então sopitados, nas camadas mais brutais e menos cultas.

Tom soprar em furacão todos os ventos sozinhos dos ônus do P.º. E mais exacerbaria o vendaval a feição francamente reacionária e absolutista de Espanha, opus a restauração de D. Fernando, em 1818.

De fato, pouco durou a fase realista, salvo no México, onde 1821. Sturzide, no proclamar o império, reivindicava sua subordinação a Fernando VII. Já em 1810 o "Cálibe" de Buenos Aires proclamava a Independência, e essa prioridade compreendeu-se ter ser este porto o de maior comércio e o que restauraria o seu anterior, mais astúcia perseguidos de Madrid, pela entidade feita por suas exportações aos produtores europeus, metropolitano.

Iniciadas, pouco após, lutas cruas contra as tropas chilenas do P.º, nunca mais cessou a peleja. Tucumán (1822) e Santa (1813) foram vitorias de Buenos Aires, sob a direção de Belgrano. O congresso de Tucumán, em 9 de julho de 1816, constituiu as Províncias Unidas do Rio da Prata. San Martin, de Chacabuco (1817) e Maipú (1818), firma definitivamente a libertação chilena.

A Norte, o movimento de 1809 resultara em proclamar-se a Independência de 1818, em Venezuela, após uma fase realista no qual Quito, Caracas e Bogotá haviam estabelecido governos autônomos, em nome de Fernando VII. Longo período de incertezas e de combates indecisos desfechou no surto de Bolívar, a maior e o esforço emancipador. Boyacá (1819) e Carabobo (1821) deridem a libertação de Venezuela, de Colômbia e de Equador.

Pode-se afirmar que Londres era o quartel-general das intendantarias da América livre, pois ali se obtinham elementos bilhetes, facilitados pelo comércio inglês, ali se recrutavam batalhões,

ponto de formarem brigadas inteiras, de antigos soldados das guerras napoleônicas, tropas de todas as nacionalidades, com quatrocentos, respeitavelmente saxões.

Ja entra Nova a hora do desaparecimento do poderio colonial no continente americano. De Norte caminhavam para Sul as legiões libertadoras de Bolívar, em busca da sede principal das forças e das riquezas da metrópole em suas possessões ultramarinas. O Povo do Sul marchavam para Norte, com o mesmo objetivo, os regimentos de San Martin, após dois anos de organização militar no Chile.

De 1820, achava-se o caudilho, vindo da Argentina, no Vice-Reino pernambucano, cuja costa Lord Cochrane bloqueava desde o ano anterior. Não devia ser dito, entretanto, ao general burocratizante levar até o fim a campanha da Independência. Fórmula proclamada em 1821, mas ainda pelejavam as tropas espanholas e por vezes com sucesso. Aproximação do Libertador da Nova Granada permitiu a conferência dos dois chefes em Guayaquil, e a renúncia voluntária de San Martin. Continuou o combate interminável sob a égide única do elemento nortista. As vitórias de Jauja e Ayacucho (6 de agosto e 9 de dezembro de 1824) eliminaram de vez o domínio de Espanha.

Estava feita a Independência.

Entretanto, problema intelectual tão diverso, fora adotado a solução republicana para todas as novas nações surgidas da luta.

A tradição era a monarquia. A não ser Bolívar, e esse mesmo com um plano constitucional, que, sob o nome de governo popular, se aproximava da monarquia eletrica, talvez se não encontrasse um republicano entre os homens da emancipação do América.

Mesmo depois de passada a fase boliviana, quando tiveram de organizar-se as novas unidades políticas, procuravam manter a fórmula a que estavam habituados, devolvendo a círculo a parceria primitiva, um elemento só fazia preciso, indiscutível, capaz de faltar dinastia.

Compreendiam esses fundadores de nacionalidades que, subvertidas as antigas normas e postas em movimento novas e obsoletas, formavam forças inquietas e tão próximas a barbaresca primitiva, um elemento só fazia preciso, indiscutível, capaz de faltar dinastia.

Compreendiam esses fundadores de nacionalidades que, subvertidas as antigas normas e postas em movimento novas e obsoletas, formavam forças inquietas e tão próximas a barbaresca primitiva, um elemento só fazia preciso, indiscutível, capaz de faltar dinastia.

Constituído Reino sob a direção de Infante de Bourbon, era reverter o monarca espanhol e encarregá-lo a destruir o princípio da independência em cujo nome voltaria a unir a Península, princípio que, embora nunca duradouro, ainda não passava histórica regia a égide internacional do P.º, sob a batuta mística do Tsar Alexandre e assegurada pela Rússia Aliança.

Principais das outras nações não fizeram sombra a melhor. Alguns descreveram ao domínio legitimista, fora introduzir na América os reis dinásticos — nacionais de Europa. Nenhum dos países podia aceitar tal ameaça de ampliação do poderio de Madrid.

Das quatro naus da Independência, duas apenas necessitaram prestigio excessivo para permitir lembrar-lhes o nome. Mas Bolívar era ombreira e San Martin o que, mais fortemente encarregado e combatiu no P.º e, finalmente, desprendido e de ânimo altissimo, deixa o nome livre as Américas que não partilhava.

Por exceder, e excesso sempre negativo, na fase exato de Cúcuta-Calabujo, restava a recorda republicana.

Era o abandono do Governo as lutas de grupos inaumentavelmente preparados, do ponto de vista político. Vália nela entra-negociação o regime de exaltadagem, como remedio as natural anseio de tranquilidade das agremiações, que pediam para viver e proceder e sacrificavam a totalidade à paz material, que a energia ou a violência do caudilho elemento providencial, conseguia impor.

Cinquenta anos de lutas assim se preparam, ate atingirem a maioridade política as nações então fundadas, com seu caráter político de respeito a todos os direitos e de garantia a todas as aspirações.

J. Pandia Calógeras.

### Correspondência de escritores

#### Carta de Graça Aranha a Calógeras

Petrópolis, 30 de agosto de 1934. de grandes conquistas. Veja que dia intimas os feitos heróicos, e assim que se soube John, não se deu.

7. Av. Pátria.

Mais querido Calógeras,

Não é possível que tu partes sem nos vermos. Não sei ainda quando me permitem descer, mas quem sabe se reunindo as energias não posso ir ver-te na segunda-terça? Set quanto é difícil perder um dia para quem tem poucos disponibilis em pensamento, e por isso não me empenho para que venhas a Petrópolis. Em todo caso, me seria deliciosa a tua companhia aqui em casa. Vírias amarás conheceras os meus e conversaríamos itina e desculpidamente. Não há uma grande atração entre nós?

A notícia da publicação do seu novo livro encheu-me de prazer. As tuas talentos e os teus estudos estão reservados.

Não sei se tens editor para o seu livro. Não te aconselho que o publique por conta própria.

Tenho excelentes relações com a Casa Garnier, e da editora o seu livro, se o quiseres. Não será para ti o Potosí, mas mesmo "roubadão", mas o livro será lançado e não dará prejuízo.

Obrigado ainda pela tua boa carta da última sessão da nossa vanguarda (porque não? Conferência). Peço-lhe que me recomendas à tua Senhora e à tua Cunhada.

Um abraço do seu afecto.

GRACA ARANHA.

D. Lucia Elizabeth, ami de Calógeras.

## As minas do Brasil e sua legislação

(Continuação da parte anterior)

Estado o exporta, e o Rio Grande do Sul em 1932 a exportação foi apenas de 200 mil toneladas, em compensação, no ano anterior importaram mais de 500 mil contos de artigos de metal.

Sobre os combustíveis, na prosa que digo, magistral e vagamente, boas acelerações pela imprensa indígena transversadas para além-mar, e depois retransmitidas com os fortes cruzeiros, na magna realidade. Esperava que dentro em pouco os estudos práticos de White no Sul e as expedições de Derby fizessem por conta do Governo da Ipanema dizer um pouco de luz e calor a essa matéria capital.

Em suma, que vale a reputação mineral do Brasil?

O autor responde nos seguintes termos:

"É de primeira ordem sua colocação quanto aos óxidos de ferro, nada tendo de invejável aos pôstos dos Estados Unidos.

Parceira vital a reservar a maior dos minérios de manganeso, cuja área de disseminação e reservas dilatam diametralmente, colorem-nos em termos de exportação e concorrência.

Os efeitos brasileiros não representam no Brasil mineração tão elevada como as "cidades principais" do Transvaal. O aperfeiçoamento dos métodos metalúrgicos e dos aparelhos de extração permitiu ser este mero resultado um quantitativo maior que a atual, mas devemos ser muito prudente, as leis, no sentido de não onerar as minas, com tributos e medidas exorbitantes, impondo-lhes nas exportações gravatícias em que se envertem.

Sobre diamantes, é evidente adotar liberdade, pesar-lhe e pagar-lhe, mas ainda assim é preciso ter certa contenção, a serem reservados ao ministério de suas vidas. Na situação atual os mesmos condizimentos somos capazes de se aumentar que não a geração possível com o caixa, e que, por mais frustas que sejam as riquezas exploradas, apresentando valor real, muito pequeno na massa geral das exportações brasileiras.

As pedras corais existem em larga quantidade e não desempenham a nossa zona a reputação de país clássico das pedras preciosas, assumindo-las todos, com escassez, raras, sacadas e caríssimas.

Os minérios ricos, cuja importância industrial cresce, é óbvio para dizer, que se devem dar suas propriedades necessárias de verdadeiras reservatórias de energia e transformá-las de suas manifestações, encarregando-se tanto em círculo por que não assentadas geologicamente no nosso continente. Para obter essas condições, terá, por exemplo, que se quase monopolio da mineração, possuidora, transformante talvez, mas por prazo não assegurado, o aproveitamento industrial satisfatório durante alguns anos.

São muitos estudos possíveis. Os depósitos do sul do Brasil não produzem, se hoje comidas de material, assim sítio regular, os humanos conhecidos são de pouco valor, por serem limitadas as condições que os concernem, os recursos de material são interessantes e merecem estudo e maior compreensão.

Como existe em vários Estados da R. P. I. mas só comece a ser extraído no Rio Grande do Sul e, polo de efeitos que se desenvolvem estes trabalhos de pesquisa e se possam valorizar as riquezas supérflua de Centro e Norte.

Das outras substâncias minerais pode-se dizer que existem em condições de jazida que têm até hoje, imensamente, o chumbo e a prata de Monte Claro, por exemplo, estão livres de mal para que os meios de transporte a usarem os possam trazer ao litoral em condições econômicas".

Este breve extrato pode dar uma ideia da importância do trabalho.

(Continua na pág. 187.)









# ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA

## Aspécitos da questão social —

Vá temeridade a do neofito, que, ao defrontar esta tribuna, não sentisse palpitar a recordação dos que a enobreceram e ilustraram, nas justas esplêndentes do pensamento e do ideal. Bem-fadada a iniciativa dos que criaram essa pragmática, para que, no instante da despedida, mais uma vez fraternizem os nossos sentimentos e abramos o sacrário da alma para as bênçãos da esperança e da amizade.

Quis este aumentar o acervo dos atos de vossa alta benevolência e simpatia, indo buscar no recesso de sua obscuridade uma das últimas das vossas mestras, no merecimento e na própria disposição dos estudos, para vos servir de parâmetro nesta solenidade.

A vossa merecida leva-me a fazer o noviciado nesta tribuna, que guarda vivas e resplendentes tradições.

Os anais desta casa conservam na sua perenidade os ilímos entoados por tão bons engenhos a causa do direito, em alguns dos quais cintilam as coruscações do gênio ou sobressaem os traços da eloquência incomparável dos antigos, com esse "aliquid divinum", que é a essência da oratória, na sua irradiação e na sua força.

Não aspirava à honra com que distinguiste a minha humildade. Mas, pelos seus antecedentes, pela sua espontaneidade, considero-a estimável e agradável.

Fujamos de praticar a cortesania, sob qualquer dos seus aspectos deprimentos e fementidos. Não procedi de outra forma convosco. Sem desdenhar das conquistas da opinião, o homem público, adito ao papel de guia pela relevância do seu labor tem de robustecer a sua autoridade no próprio exemplo da constância na execução do dever.

Falando de Brunetière e em alusão ao método do mestre de conferências da Escola Normal de Paris, d'Haussoullière pôe na boca do filósofo inflamado pela crença o conceito dogmático — o ensino é a autoridade. Mas a autoridade não se pode erguer como expressão antinómica do afeto. Nas relações entre professores e discípulos, aquela clementia os atos da autoridade disciplinar e sobreposta com os toques da sentimentalidade o que o instinto e a prática do mando sugerem e aparelham no benefício comum.

Não é o melhor mestre o que ilusiona as paixões dos jovens, não solteando as suas ansiedades pela voz da experiência, que discerne, pela persuasão, que convence, pela justiça, que adverte. O que eleva o professor no julgamento dos seus alunos é o sereno cumprimento do dever, é a harmonia das qualidades fundamentais do mestre na arte difícil de ensinar — a sobriedade, a clareza e o método, a serviço da probidade intelectual incontrastável. Ensinar e aprender não são expressões antípodas; são conceitos que se complementam, se polarizam, de maneira que o ideal do mestre deveria ser realizar como lema, para o seu fôro íntimo, o verbo e expressivo — *Disce docendo*.

Mais do que nenhuma outra, a nossa profissão de cultores do direito precisa apurar, para seu realce e eficiência, a auto-defesa contra as influências dos sentimentos e idéias noivas à comunhão social.

Homens de governo, devemos ser os elementos de resistência contra a anarquia, garantindo a todas as classes a expansão de sua atividade conciente e assegurando ao país o equilíbrio e vitalidade indispensáveis ao seu florescimento e à sua grandeza. Legisladores, e sobretudo para os homens de direito, nas assembleias constitucionais, que se abrem às vistas de todos, nos graves debates de que resulta a solução dos problemas do momento. Magistrados, encarnamos a própria justiça, na magnitude de seus desígnios. Lástima é que a maioria imperfeições e desvios, importando no nosso despréstigo, e na sua decadência. Advogados, seremos, por vezes, em nome da lei, a aposição do direito ao arbitrio, fazendo resplandecer nos pretórios o sentimento do justo. Assim havemos de ser sempre, em todas as contingências da vida, os guardiões do direito, na aplicação de seus postulados, e na defesa de seus dogmas.

A hora presente reclama de todos, não atenção vigilante e serena. O direito, suprema expressão da vontade coletiva, tende a democratizar-se, pela maior amplitude do espírito de solidariedade social. Fenômeno da vida real, não lhe basta o mínimo ético, de que fala Raneletti.

No desenvolvimento dos seus aspectos, tem de acompanhar a evolução das idéias e sentimentos contemporâneos, para ser o reflexo da vontade comum. Não se pode inspirar apenas nos desejos ou no interesse do mais forte e insulavelmente há de corporificar nos seus estatutos as aspirações, tendências e ansiedades dessa grande massa de informados ou opinados, que constituem os baixios das classes sociais.

Num livro concitado, o professor Gaston Morrin expõe a "revolta dos fatos contra o código". Revolta contra certas leis que se abeberam de anacronismo, não se dobraram à realidade das coisas e permanecem, com as suas arestas e defeitos, como instrumentos de compressão e fatores dos movimentos de vingança. Passou o período de hibernação do direito, que transmutou de face. O direito social tem de refletir o espírito de solidariedade entre os homens, procurando atenuar os ri-

gores e quietar as exaltações da formidável luta de classes. E quanto progressos realizados no curso dessa evolução!

No direito público substituiram-se as antigas concepções realísticas por princípios consentâneos com a liberdade civil e mais tarde o caráter individualista das doutrinas cederam terreno ao espírito de realidade e precisão das instituições e das leis, adaptando-as não ao interesse único do Estado, na sua essência e finalidade, mas aos interesses da comunhão social. E a guerra ultima, a maior na história, pela complexidade dos problemas que envolveu, transmutou, no mecanismo das instituições, os valores das corporações políticas, forçando a aparição de novos processos e práticas de governo e relegando por vezas para terreno secundário a supremacia das legislaturas em assuntos até então de sua exclusiva competência.

Essa evolução, no sentido da democratização das funções e simplicação dos sistemas, tem de acentuar-se com maior relevo no direito privado. É uma espécie de direito novo, que se instaura nos grandes domínios jurídicos, no domínio das relações de família, no domínio da vida econômica, pela remodelação dos contratos sob a base social e pela extensão do espírito corporativo.

Das próprias nascentes da produção jurídica surgem elementos que podem servir de obstáculo à expansão das idéias anti-egocísticas. A propriedade absoluta favorece o desenvolvimento das grandes fortunas. O direito de associação sugere o aparelhamento das frustas formidáveis, muitas vezes subordinados a uma direção singular.

O direito aparece, no fragor dos conflitos e dissensões provocadas por esses contrastes da vida, como o instrumento regulador do equilíbrio geral.

O famoso jurista Edmond Picard procurou recentemente em *Les constantes do droit* ergir a síntese do direito, com o propósito de ver nele "o direito mais alto, mais belo, mais útil, mais força social, mais força da natureza". As colunas do templo são as grandes generalidades permanentes, os címos dessa construção. Mas esses pontos altos, que se destacam no terreno em que se debatem os grandes interesses humanos, foram igualmente atingidos; não se povoaram de neve, que indicaria a geléa e a descrença, banharam-se do sol da justiça entre os homens. Simbolo perene da vida, flagrante e promissora realidade, o direito não pode ser, nos trepidos embates da hora presente, a negação da verdade, a classe do mais forte, o apanágio dos privilegiados.

Ha de ser por meio dele que se poderão atenuar os gravames e as esperanças da questão social, fata não tem de ser resolvida, nem pelos processos utópicos nem pelos processos anárquicos. Dentro da ordem jurídica, o direito proporciona, pela influência das idéias de solidariedade e interdependência dos diversos fatores da riqueza social, as fórmulas necessárias para concluir interesses dispares.

Na história dos nossos destinos sociais e políticos podemos distinguir três épocas, que há de compreender o ciclo, dentro do qual se constitui e solidifica a nossa nacionalidade.

Uma preparou a construção jurídica, ensinando direito e propagando pelo exemplo a liberdade. É a obra dos evangelistas da nossa profissão, tão inspirados na proficiência do seu esforço e tão dedicados na pureza e lenitidez do seu ideal.

A outra época aproveitou-se desses elementos culturais para realizar dentro da ordem o trabalho de transformação material, portando por estabelecer o nosso advogado econômico, pelo surto de tantas energias. É a obra dos técnicos, dos homens de iniciativa, auxiliando as administrações previdentes e progressistas, que fazem a honra da nossa história política.

A terceira incumbiu o papel de resguardar esse patrimônio do destino. Será a obra dos que, estudando o direito, formaram o espírito na liberdade, opondo a razão à anarquia, que desencadeia na sua marcha ascendente os furores da selvageria, opõe a sabate a conciliações, provoca a irrupção de ditaduras, aniquila, cruéis e vindicativas e abre a vida da humanidade a círculos profundos de dor, de miséria e de fome.

Não podemos criar um mundo, à semelhança do que idealizam os ferventes e os utópicos, diferentes na essência e nos aspectos daquele que a realidade nos apresenta. Podemos, porém, pela solidariedade entre os elementos vivazes das sociedades, desfazer arestas, contornar dificuldades, satisfazer aspirações legítimas dos que trabalham e dos que sofrem.

As revoluções políticas aparecem na superfície do mundo e tocam apenas nos lincamentos, sem decer a estrutura básica. As revoluções radicais penetraram fundo o cérebro das nacionalidades, alteraram substancialmente as condições de vitalidade e força, desmoronaram instituições transmutando a própria organização moral, criando novas formas de sensibilidade e apurando os instintos de destruição e cobiça. E para evitá-las que os homens de boa vontade se devem concordar, crentes e esperançosos num destino novo.

A guerra foi a erupção de crises brutais; a

Discurso do presidente, pronunciado na colação de grau dos barbeiros da Faculdade de Direito da Rocinha, em dezembro de 1921.

—Aníbal Freire

crise do direito das gentes, a crise econômica, a crise política, a crise social. E o armistício, que não resolveu e securr lhes diminuiu a intensidade, foi o prelúdio de uma nova crise, a cuja desenvolvimento teremos de assistir, vigilante e precatado, procurando no influxo da lei, direta ou seus arremessos.

Aspirando à honra dos sufragios da Justiça, para o posto de seu primeiro magistrado, há 14 anos, o nosso grande mestre, sr. Ruy Barbosa, cujo espírito se inflama no culto da justiça e abraça o amor da humanidade, preferia malquistar a conciência com os próprios sentimentos e propagou, no em vez de idéias liberais, os principios sóis da democracia social, a meias que preconizava o cardenal Mercier. Fazendo aos operários de Malines, "essa democracia ampla, sincera, ital, em uma palavra, crista", a democracia que quer assentar a felicidade, a classe obreira, não na ruina das outras classes, mas na reparação dos agravos, que, só assim, era seu fundamento.

E esta é a linguagem dos homens de fé e de solidariedade, não a dos apódeas do socialismo, socialistas inescrupulosos ou políticos de cátionismo, latidos e idéias oscilantes ao sabor de seus interesses. E na graduação das realizações práticas, vale a ação de uma política financeira, criando a fortuna dos incansavelmente ricos com truques aplicados a obras de solidariedade humana da que o rudo e o tumulto das façôas libertárias de idéias sangrentas e conquistas oprobiosas.

O problema social não pode encontrar solução nos processos violentos, que geram a anarquia ou os seus aspectos mais dissolventes. Tem de se meter por uma orientação que não exprima sentimento porcial. O contrário seria erguer como sucedâneo de um sistema que se inquieta de fato e desumaniza outro, que iria buscar as suas origens no ódio e na vindicta entre os homens. Os idéias de solidariedade social, vão penetrando nos domínios econômicos e conduzindo, pelas lições da experiência já provada, a política mais acentuada de prudência e cooperação.

Nada vale para o roteiro que a humanidade prosegue a mudança de uma dominação por outra, a simples transição entre o império do capitalismo e a ditadura da plebe.

A política econômica tende a gravitar em torno de pontos capitais: a organização da produção sob bases mais justas e conciliatórias, tendo como conseqüência a solidarização nos lucros e a extensão do operário na sorte e na prosperidade das empresas que ele alimenta com o seu trabalho e fazemos compreender aos detentores do capital, mal avinhados a aceitar as sugestões da bondade, chegando o momento em que a justa distribuição das riquezas não pode ficar isolada à cuba.

Organização, proteção, solidariedade, tais os polos da questão social. Os próprios factores dominantes do radicalismo evoluíram do caos para o ordenado. Na fogueira russa, felizmente só arderam os garavatos da autocracia e a sua fatal consumação indica que o mal se isolou, no benefício da civilização e da humanidade.

Em 1900 o mundo operário vivia dominado pela idéia de greve geral; em 1920 dominou o projeto de nacionalização industrializada dos serviços de utilidade pública.

Por isto, o sr. Maximo Leroy, que pôs em relevo essas etapas, estudando as técnicas novas do sindicalismo, observou que a "idéia antiga era ponderar poderes e a idéia nova coordenar funções".

\* \* \*

Idéas agora penetrar a vida pública. Delas não conhecemos, antes de transportes os humerais dentro da casa, senão os aspectos interessantes, provocados pelo entusiasmo, quicá, pela ingenuidade e exaltados pela desamblação e pelo desinteresse.

Temos de defrontar depois com os sortilégios e os embustes e muitos dos vossos sonhos sutis se vão de nós no contacto da realidade e no instante, em que as decepções vos sombrem e o entendimento a vossa alma se penetrará de doce e inexaurível saudade dessa época primaz da Juventude. Trata, para de retomar o vosso caráter, forjando-o nas duras refreiras da vida e exaltando-o nas lutas nubilantes do pensamento.

Quando a intolerância política do regime de Luiz Felipe quis conter o pensamento de dois grandes mestres do Colegio de França nos âmbitos de um oficialismo bártaro, deprimente e odioso, Edgard Quinet, falando aos alunos que o confortavam com a sua solidariedade indefectível, indumente o caminho do dever com as seguintes palavras: "sejam quais forem as circunstâncias em que nos decharmos, não cedamos jamais um ponto na dignidade do espírito ou nos direitos da vida moral".

No momento da despedida, os vossos mestres que aqui se reúnem, não fazem outros votos nem clamam de vós outros compromissos. Que o vosso caráter vos preserve das prisões profundas do mal e o vosso horizonte mental se dilate, cultuando o direito, praticando a justiça, servindo a liberdade.

(Discursos)





# Carta ao sr. Octavio Tarquínio de Souza - Sylvio Rabello

**Sylvio  
Raballo**

... recebi a sua carta de 13, acompanhada de uma fotografia de Nelson Romano, diretor da Vice Intendência do sítio, que me coloca este passado quanto ao meu próximo DVO - Itinerário de Sylvio Romano - tenho preliminarmente de agradecer a sua gentileza, devendo-me, como diretor da coleção "Documentos Históricos" que é, absoluta ilustração para seguir. O telegrama que lhe cede esta carta responde a o contento geral a que, aqui realistmo o meu passado de escritor do prefeito de São Paulo, Sr. Nelson Romano. É muito fácil e é mais justo. Serei então até que é mais agradável deixar o nome do Sr. Nelson Romano no prefácio, estando impões a quem devo imprimi-lo e dados sobre Sylvio Romano para atender ao outro ponto, a de modificar o texto da sua carta da parte - seria

uma d'humanidade. Eu me  
épi. ro.

Em primeiro lugar, o sr. Nei-  
son Romero confessa na carta  
dirigida a você, agora mesmo,  
detalhos dos meus olhos que já  
ele considera perfeitamente  
clito, por ter muito deliciado a  
compreensão do "segredo pro-  
fissional". Em seguida, enqua-  
ntas qualidades que diz existem no  
livro, ao mesmo tempo que dis-  
corda de várias das afirmações  
dele. Como o "Itinerário de Sy-  
lvio Romero" se destina natural-  
mente ao público é um direito  
sua, esse de elogiar e diariar  
— direito, entretanto, conti-  
nualmente antes de aparecido o livro.  
Ainda mais adiante, acha estran-  
ho que o tivesse citado a pro-  
pósito do pai de Sylvio Romero  
— o velho André — um trecho  
do livro de Sebião Sobrinho —  
"Tobias Barreto, o Sonchein-  
eiro" — de maneira incompre-  
ensível. Entendo o sr. Neison Ro-  
mero.

ro que a situação deve vir por  
entra, lembrando-se claro que  
o velho Amoré foi "uma das  
principais personalidades" de  
Lagarto, ao seu tempo, e não  
apenas "um comendador arrul-  
hando e clementado".

Ali está bem caro Turquino, uma terrinha do neto pelo avô que acho louvável e que respeito com a mais profunda sincerasidade. Explique-se, assim, a intimidade que ele faz por seu centro-médio; ou terrei de retirar-lhe o nome do profício para que não pareça que concorda com o período velho André, traçado no livro ou terrei de completar a citação do trecho de Sabrás Sobrinho, para que o mesmo finalizado André ressurja do silêncio da sua cova como "uma das principais personalidades" de Lagarto.

Demorei-me neste conto, a considerar a minha falta, e alguma falta cometida. Voltei a examinar o livro de Sabrão Sobrinho, cotejando o trecho referido com a citação que fiz. No capítulo "O menino e o homem" afirmou que o velho André era "uma figura popular em sua terra". E logo depois citou o veras Schrião: "velho aito, espiégado, cabeleira basta e encanecida, grossa bengala na dextra, percorria as ruas de Lagarto, vociferando contra o novo regime, satisfazendo as necessidades fisiológicas onde tivesse vontade, saudando a Baco onde desejasse..." (Sabrão Sobrinho — "Tobias Barreto, o Desconhecido", p. 77). De fato, a citação está incompleta. Interessava-me, apenas, como traço característico do pal de Silvio Rom: ro, aquela parte. Este é o meu ponto de vista.

O resto, o que vem em seguida, não acrescenta ao perfil. E depois, seria uma crueldade completar a citação, como intui o sr. Nelson Romão. Uma crueldade, digo eu, que não atingiria apenas ao velho André, mas a toda a família Romero. Abra você o Sebrae na página 77, nota 8. Lá está o trecho. Começa assim: comece bem: "velho sítio, expigido, etc.", e quando chega ao vicio do velho, diz Sebrae claramente: — saudando a Baco onde de-  
sesse e isso até que o levasse para casa, onde a consorte bem amada, com quanto velhinha, mas sempre sinta e linda, muito bem afeita, o recebia com toda a paciência de seu supre-  
mo deus!"

Se o sr. Nelson Romero deseja que eu complete a citação, ali está a citação completa. Mas não o faria jamais no meu livro, não somente por uma questão de bom gosto, mas também por uma questão de simplicidade humana. Ainda cinco linhas mais abaixo, Sebrão se refere à morte do velho André, em consequência de "molestia aco-nhecida". Imagine, você, meu caro Tarquino, se tivesse feito a citação na íntegra, do "Brasil", na página 22, do livro de Sebrão.

Sobrinho... Vá que o velho André se cesse à licença de, em pleno dia, satisfazer as prementes necessidades ao pé dos muros da sua vila e que gustasse de tomar o seu gole de cachaça unicamente por outra. Era um hábito seu, como era o de vociferar contra o regime republicano. Mas por que haveria eu de crescentar que o velho André entrava em casa carregado nos braços da gente de Lagarto, assistindo a sua própria mulher no final dos seus excessos de copo? Por que haveria eu de querer à doença desconhecida do velho André, sobretudo quando se sabe que "ele se demorou preocemente", conforme as palavras de Sabião Sobrinho?

lavras de Seabra Sobrinho.

Não acredito no determinismo da hereditariedade a pesar definitivamente no destino dos homens e das suas obras. Para tentar uma interpretação de Sylvo Romero — das suas muitas virtudes e dos seus defeitos — não tinha necessidade de apoiar-me no critério da hereditariedade — o velho e a desacreditada herança do pai. Seria um exagero em que de nenhum modo incorria. E de resto nenhum motivo tinha para conquistar a uma nreste família já na quarta geração — o que certamente não caberia na intenção de um ensaio crítico.

Um pedido de Laudei no Freire à redação valeria-lhe não sairem as cartas em que Sylvio Romero retrata o ilustre gramático da maneira pouco amena. Foi só o que me contou o sr. Nelson Romero. E por isso, só por isso, citei o seu nome no prefácio, como grande clemente. Não há de vida que preciso retirá-lo nem tanto outros, de pessoas que me forneceram dados de maior valor psicológico para a reconstituição da personalidade de Sylvio Romero. Até mesmo esta decisão me dará uma boa tranquilidade de consciência. E a um só tempo facil, justa e humana.

Ainda num ponto desejado por mim, e darei por terminada esta carta. Dis textualmente o sr. Nelson Romero que o livreiro José Olympio lhe permitiu a "leitura rápida" das provas da "Itinerário de Sylvio Romero", para ter a "comprovação" dos fatos e episódios que se achaam referidos no livro. Eu tenho difeuldade de acreditar nisto. Se a um espírito de excessiva candura ocorrera semelhante presunção, que credenciais apresentaria o sr. Nelson Romero para atribuir-se a liberdade de criticar ou simplesmente opinar sobre o meu ensaio? O parentesco só por si não constituiria um título suficiente. E tanto mais e que até a presente data não teve o sr. Nelson Romero a disposição para escrever um livro sobre o autor da "História da Literatura", — uma bizarria, um estudo crítico ou ao menos uma síntese das ideias e pontos de vista de Sylvio Romero. E mesmo entre o sr. Nelson Romero e o diretor da coleção "Documentos Brasileiros", que é uma grande figura de intelectual necessariamente, o livreiro José Olympio não hesitaria em confiar a este a competência de que escrever sobre a vida e a obra do pal daquele. Mas se ele afirma ter feito uma leitura rápida das provas do meu livro, sem dúvida praticou uma leviandade que ninguém praticaria e muito menos confessaria como o fez o sr. Nelson Romero. ("O Jornal" — 30-3-44).

A única informação que me dera o sr. Nelson Romero, para dizer tudo, se prende a certas cartas de Sylvio Romero a Almáquila Diniz, publicadas em páginas de "O Mundo Literário", de 5 de agosto de 1923. Na verdade, explicou-me ele por que algumas daquelas páginas tinham sido cortadas, antes de posta a revista em circulação.

Yerámar, 9 de Agosto de 1885.  
Monseñor  
Séguier ante la puerta de su casa en  
Méjico, tres días abajo de Monterrey  
quiere presentar la Acta. Fui invitado  
a su casa, que me recibieron perfectamente  
y estuvieron muy amables. Poco amables  
para la figura de este Señor de Sandoval  
dijo que la sección que puso tanto  
de durante estuviese con su acta, para  
que pudiera ser leída en audiencia dentro  
de la iglesia conservadora. Poco amables  
para que, estos señores, fueran los que  
llegaran a presentarla, con oficio, ante  
yo que quería leerla. Fueron ellos  
que se presentaron a leerla en su casa de  
Méjico. Poco amables para que  
llegaran a leerla de su casa de  
Méjico.

"Fac-simile" de uma carta de Afonso Celso ao Visconde de Ouro Preto, datada de 9 de dezembro de 1836.





